

VILA NOVA DE FOZ CÔA

(Numão)

Numão fica implantada em plena Região Demarcada do Douro, classificada pela UNESCO como Património da Humanidade. A partir da Régua e de Lamego pode aceder percorrendo a EN 222, que durante vários quilómetros acompanha o rio Douro, proporcionando vistas magníficas. No entanto, quando larga o rio Douro e começa a subir para Ervedosa do Douro e para São João da Pesqueira a estrada torna-se de condução um pouco cansativa. Depois de passar São João da Pesqueira e Horta de Numão deve tomar, à esquerda, a EN 331-1, que conduz diretamente a Numão. Se optar por se deslocar pela A25 – a autoestrada que atravessa o centro de Portugal – deve tomar o IP2 (na saída 28 da A25), percorrendo este itinerário até Marialva. Aqui deve tomar a EN 102, por breve distância, e depois, à esquerda, a EN 324. Depois de passar Meda tome, à esquerda, a EN331-1, que conduz a Numão.

Castelo de Numão

O CASTELO DE NUMÃO implanta-se a uma altitude de 695 m, num cabeço rochoso a norte da atual vila de Numão. Pode chegar ao castelo subindo o monte a pé, a partir da vila, ou contornar o monte de carro, seguindo as indicações da *Estrada do Castelo*, até chegar ao termo do

caminho, onde encontra um pequeno parque de estacionamento. O castelo dista uns 100 m, com acesso por caminho pedonal estreito que conduz à porta de São Pedro. O castelo encontra-se classificado como Monumento Nacional (DIÁRIO DO GOVERNO, nº 136, de 23 de junho de 1910).

Vista aérea do castelo a partir de sudeste (2008, Direção Regional de Cultura do Norte©, fotografia de Francisco Piqueiro - Foto Engenho - Projectos e Serviços de Fotografia, Lda.)

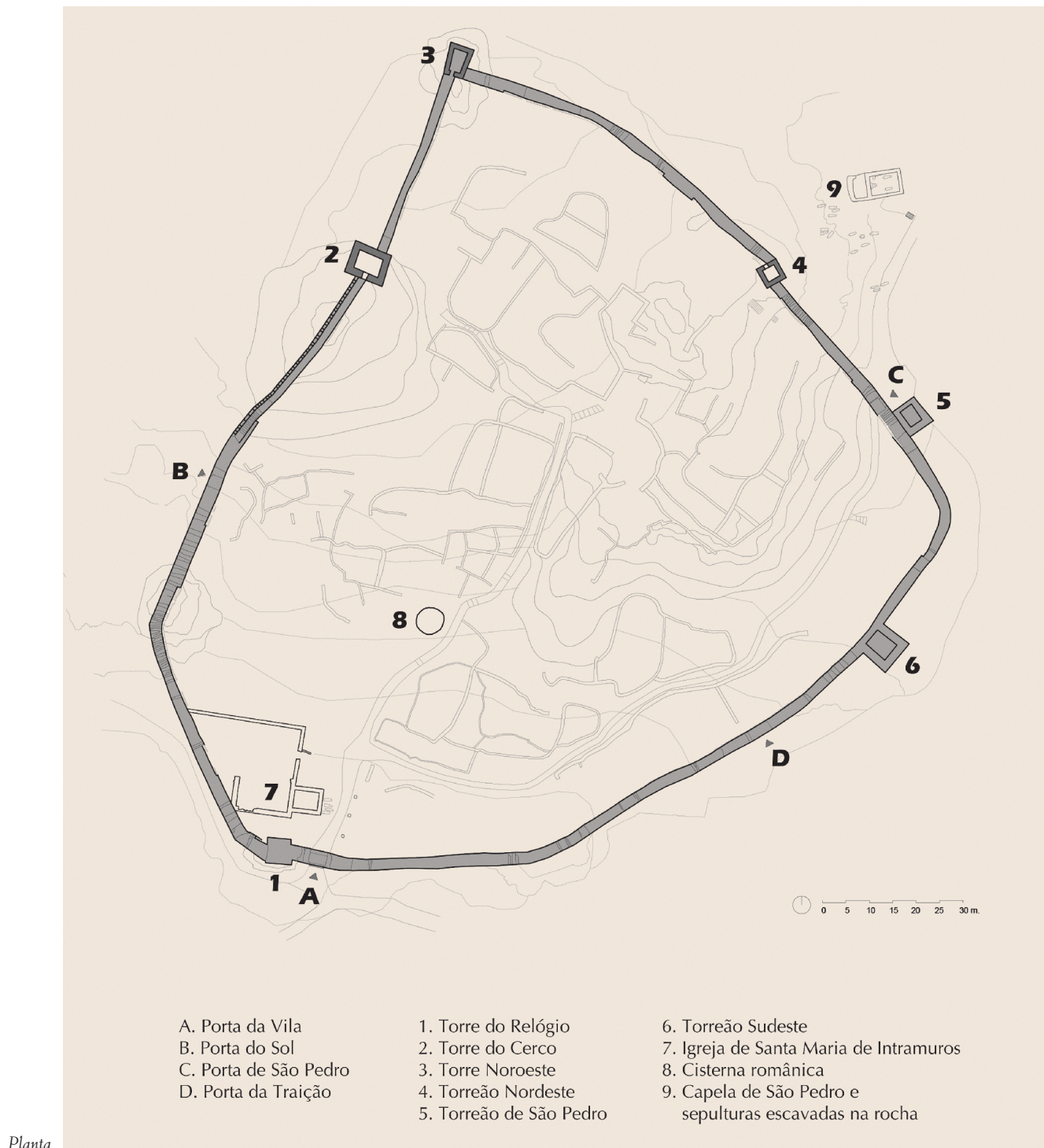


Os testemunhos de povoamento em Numão são muito antigos, remontando à Pré-História e documentando-se por cerâmicas do Calcolítico e da Idade do Bronze. A zona sofreu uma intensa romanização, que foi estudada por Sá Coixão, e que se espelha em várias estações arqueológicas (algumas escavadas e musealizadas), em diversas inscrições (votivas e funerárias), no achado de moedas e de cerâmicas. Uma inscrição rupestre levou Jorge Alarcão a sugerir que aqui se poderia ter localizado o *vicus Assaniamcum*. Noutros estudos, o mesmo autor sugeriu a possibilidade de em Numão ter estado sediada a capital dos *Meidobrigenses*. Na igreja de Numão, construção seiscentista, reaproveitou-se uma inscrição votiva dedicada por um soldado da *Cohors III Lusitanorum* aos deuses de *Coniumbriga*. A mudança para o topónimo *Numão* deve ter ocorrido durante a primeira ocupação muçulmana da zona, que se prolongou entre *circa* 716 e as presúrias asturianas do vale do Douro (por volta de 870). Com efeito, Numão deriva do árabe *Nu'mân*, que significa "sangue [nobre]". A ocupação medieval concentrou-se no morro do castelo, o qual já se encontra referido no testamento de D. Flamula (ou Chamôa) Rodrigues, datado de 960, que legou um conjunto de dez castelos (entre os quais o de Numão) ao mosteiro de Guimarães. É provável que esses castelos resultem da atuação de seu pai, o conde Rodrigo Tedones, na reorganização do espaço

compreendido entre os rios Távora e Côa, a Leste do território da *civitas* de Lamego. O castelo de Numão viria a ser tomado por al-Mansur *circa* 995-997, durante as suas investidas contra o norte cristão, tendo permanecido de novo na posse muçulmana durante mais 60 anos. Seria conquistado definitivamente pelas forças cristãs por volta de 1057, nos primeiros anos da Campanha das Beiras, conduzida por Fernando Magno. Em 1059 o castelo surge de novo mencionado entre os bens do mosteiro de Guimarães. Em 1130 recebeu carta de Foral outorgada por Fernão Mendes de Bragança, tenente da *Terra* de Bragança e cunhado de D. Afonso Henriques. Nesse diploma define-se o seu extenso território, que ia até ao rio Águeda, o que revela que, nesta altura, o espaço a Leste do Côa era dominado pela coroa portuguesa. A fundação do mosteiro de Santa Maria de Aguiar, em 1170, revela isso mesmo, como bem sublinhou Rui de Azevedo em 1962. Mais tarde, o espaço compreendido entre os rios Côa e Águeda viria a ser controlado pela monarquia leonesa – já o era nos tempos de Afonso IX de Leão (1188-1230) –, só regressando à posse portuguesa com a assinatura do Tratado de Alcanices (em 12 de setembro de 1297). É provável que a concessão do Foral, em 1130, tenha correspondido a uma revitalização de Numão, certamente com reflexos na estrutura do seu castelo. Em 1189 foi dotado de torre de menagem, cuja

Troço da muralha poente, vendo-se a Porta do Sol





construção, a mando de D. Sancho I, foi assinalada por uma inscrição, entretanto desaparecida, mas que, segundo Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo dizia:

INCEPIT TVRREM In E(ra) M CC XXVII

O Foral de 1130 seria confirmado por D. Afonso II (em 1227) e por D. Dinis (em 1285). Nos inícios do século XIII

as igrejas de São Pedro e de Santa Maria de Numão já se encontram referidas entre os templos do padroado régio, como nos revela a lista de 1220-1229 publicada por Stéphane Boissellier. Conhece-se o nome de alguns dos *tenentes* que governaram o castelo e a *terra* de Numão: Fernão Mendes de Bragança (em 1130), Abril Peres de Lumiares (na 1ª metade do século XIII), Afonso Lopes de Baião (entre 1247 e 1251),



Porta de São Pedro (face externa)

Martim Gil de Riba de Vizela (entre 1257 e 1260) e Estêvão Anes de Alegrete (em 1265). Com a extinção das tenências, em 1287, sucederam-se os alcaides. Em 1373 o alcaide-mor de Numão era D. Vasco Fernandes Coutinho. A alcaidaria manteve-se ligada aos Condes de Marialva até ao reinado de D. João III. No século xv a povoação de Numão começou a acusar dificuldades de povoamento. D. Duarte, para combater o processo, atribuiu-lhe carta de Couto de Homiziados, em 1436. Em 1512 recebeu Foral Novo, outorgado por D. Manuel I a 22 de agosto. Mas o seu despovoamento continuou a acentuar-se. Em 1527, quando se realiza o primeiro recenseamento do reino, viviam 15 famílias dentro de muros e 41 nos arrabaldes, localizados no sopé do morro do castelo. A atual povoação de Numão, extramuros, já era, então, claramente o núcleo mais dinâmico. As escavações arqueológicas, conduzidas por Paula Abranches, He-loísa Santos e Isabel Justo Lopes, revelaram numismas de D. Sancho I a D. Sebastião, ilustrando bem o percurso ocupacional deste castelo, que viria a ser definitivamente abandonado em detrimento da povoação de cota baixa.

O castelo de Numão possui uma cerca de traçado irregular, adaptada à configuração topográfica do monte, interrompida por quatro portas: a porta de São Pedro, a leste

(que toma o seu nome da vizinha capela de São Pedro); a porta da Vila, rasgada junto da igreja de Santa Maria de Intramuros (voltada a sul, à atual povoação); a porta do Sol que, como o próprio nome indica, se abre virada a oeste ou poente; e, a meio caminho entre a porta de São Pedro e a porta da Vila, a porta da Traição (hoje entaipada e enterada, da qual, no interior da cerca, apenas se divisa o remate superior do seu arco apontado). Na zona ocidental está sinalizado um segundo muro, exterior, possível indício de ter tido barbacã. O seu extenso circuito muralhado é flanqueado por apenas seis torres, todas de tipologia distinta e acrescentadas depois da muralha ter sido erguida: a torre do relógio, junto da porta da Vila e da igreja de Santa Maria de Intramuros (que deve ter sido a torre de menagem, à qual aludia a inscrição de 1189, e da qual hoje não restam mais que as primeiras fiadas de pedras); a imponente torre do cerco, um pouco a norte da porta do Sol (a meio do pano de muralha ocidental, seccionando o adarve do castelo, com um coroaamento acrescentado em momento posterior); um torreão no ângulo noroeste do castelo (que apresenta juntas vivas que denunciam tratar-se de uma intervenção posterior à construção da muralha); e três torreões, sensivelmente equidistantes, no troço de muralha oriental (o

mais a norte identificado, erradamente, por alguns autores como sendo a torre de menagem; outro adossado à porta de São Pedro, e que toma este nome; e um último quase a meio de um troço de muralha retilíneo, virado a leste, antes da porta da Traição). O torreão da porta de São Pedro apresenta junta viva no encosto com a muralha, não se travando com esta, o que demonstra que resulta de uma remodelação mais tardia. O mesmo acontece com a torre identificada por alguns como torre de menagem e com o torreão do ângulo noroeste. A torre que a tradição popular classifica como "de menagem" é uma das mais interessantes, com amplas frestas de desenvolvimento vertical e com um remate ameado, tardio, com aparelho de construção muito distinto. Assim, todos os torreões resultam de remodelações posteriores à construção da muralha. Uma das particularidades digna de nota neste castelo é o facto de quatro dos seus seis torreões terem sido erguidos *sobre* a muralha, truncando o adarve, e apenas dois terem sido adossados pela face externa do muro, como é mais comum.

Porta da Vila e igreja de Santa Maria Intramuros (2008, Direção Regional de Cultura do Norte©, fotografia de Francisco Piqueiro - Foto Engenho - Projectos e Serviços de Fotografia, Lda.)



Cisterna românica



A análise do aparelho construtivo da muralha de Numão revela, em vários pontos, a existência de uma fase antiga, de características arcaicas, com técnica construtiva pré-românica, que poderá remontar aos recuados tempos de D. Flamula ou à centúria seguinte. Esses vestígios mais antigos detetam-se na muralha sul, a leste da porta da Vila, e nos panos de muralha a oeste e a norte. No que diz respeito ao parapeito, a muralha de Numão está arruinada em quase toda a extensão do seu remate superior. Apenas num pequeno troço, a ocidente, se pode observar o remate, com parapeito dotado de ameias de perfil piramidal, que resultam, na sua quase totalidade, do restauro da DGEMN. O acesso ao adarve fazia-se por escadas de "degraus fincados", seguindo o modelo românico. As escadas, estreitas e íngremes, distribuem-se de forma irregular e até irracional. Ao longo do circuito muralhado contabilizam-se vinte e duas escadas. Muitas organizam-se em pares, simetricamente, arrancando no solo em pontos muito próximos. Noutros casos, encontramos concentrações de escadas,

Muralha junto da Porta da Vila, com fase mais antiga



Ruínas da capela de São Pedro, no exterior do castelo





Torre do Cerco, a norte da Porta do Sol, e escadas de acesso ao adarve

que se multiplicam em pequenas extensões de muralha, como se pode observar na muralha norte (seis escadas) e noroeste (quatro). O mesmo se diga da extraordinária escada que se desenvolve no troço de muralha a ocidente da igreja de Santa Maria de Intra-Muros, que, porque se construiu paralela ao relevo, se prolonga de uma forma inusitada, naquela que será porventura a mais extensa escada de acesso ao adarve de um castelo português. Todos estes aspetos revelam que a construção do castelo de Numão não obedeceu a um planeamento prévio devidamente racionalizado. Este aspeto, conjugado com a ausência de torreões (na fase inicial do castelo), espelham a origem remota desta fortificação.

No acesso entre o parque de estacionamento e a porta de São Pedro o visitante depara, à sua mão direita, com as ruínas da capela de São Pedro, um pequeno templo com origens pré-românicas, rodeado por uma interessante necrópole de sepulturas escavadas na rocha, de que sobrevivem 22 sepulturas (duas delas inacabadas). O templo foi, originalmente, dotado de uma pequena nave, com cerca de quatro metros de comprimento, mas viu o seu espaço ser reduzido à área da capela-mor. As escavações arqueológicas colocaram a descoberto o pavimento, lajeado, da capela e, ao centro do seu espaço retangular, duas sepulturas rupestres antropomórficas. Junto da parede norte foi

encontrada uma estrutura de fundição de sino. A capela de São Pedro e a sua necrópole rupestre podem ser coevas dos tempos de D. Flamula. Mas a estrutura de fundição sineira parece ser já do século XII. Sublinhe-se que, no rol dos templos de padroado régio, de 1220-1229, a igreja de São Pedro ainda é mencionada, a par da igreja de Santa Maria.

Penetrando no castelo, o visitante encontra várias ruas calcetadas e restos de habitações medievais e modernas, abandonadas quando as derradeiras famílias se transferiram para o novo povoado. Ao centro do castelo encontra-se a sua cisterna, com 7 m de diâmetro. O reservatório, de boca ovalada e de desenvolvimento vertical, à maneira de um poço, documenta-nos a primeira tipologia dos reservatórios de água que começaram a aparecer nos castelos com o triunfo da *guerra de cerco*, a partir dos meados do século XI.

Junto da porta da Vila encontram-se as ruínas da igreja de Santa Maria de Intra-Muros, templo paroquial de Numão durante a Idade Média. Do seu edifício sobrevivem as três paredes da capela-mor, a parede lateral sul da nave e parte da fachada ocidental, voltada e quase encostada ao pano de muralha. Nos seus silhares são visíveis numerosas siglas de pedreiro. O portal ocidental apresenta-se desprovido de colunas e de capitéis, revelando a sua cronologia tardia, já gótica. Tem arco quebrado que apoia sobre imposta lisas,

Muralha sudoeste: as mais longas escadas de acesso ao adarve de um castelo português



No primeiro plano o torreão a norte da Porta de São Pedro e, ao fundo, a Torre do Cerco (2008, Direção Regional de Cultura do Norte©, fotografia de Francisco Piqueiro - Foto Engenho - Projectos e Serviços de Fotografia, Lda.)



biseladas em baixo. A parede sul da nave tem portal de arco quebrado, com planos reentrantes e impostas com chanfro ornamentado com meias esferas. As paredes laterais da capela-mor apresentam modilhões predominantemente lisos, tardios. A parede leste tem uma pequena fresta entaipada. O interior do templo encontra-se profundamente alterado, servindo, juntamente com o adro a norte, de cemitério. Conserva-se o arco triunfal, quebrado, a que falta as aduelas da face voltada à nave, que se apoiavam em impostas lisas semelhantes às do portal axial. No interior da capela-mor encontram-se vestígios de frescos tardo-medievos, hoje muito maltratados por anos abandono e de exposição às intempéries. Ainda assim é possível distinguir uma figura de um frade franciscano. No exterior da capela-mor, e na parede lateral sul, são visíveis nove sepulturas escavadas na rocha, de tipologia antropomórfica.

Junto à parede leste do templo, no lado oposto da calçada, sobrevivem três possantes pilares de secção quadrangular, testemunho de uma estrutura de alpendre. Terá sido aqui que se reuniram os representantes da população de Numão que, ... *juntos no nosso conçelho sso alpendre da dicta vyla* ..., escolheram os seus procuradores às Cortes de 1383.

A DGEMN promoveu o restauro e consolidação do castelo de Numão, com obras documentadas entre 1944 e

1950. Uma das mais polémicas decisões foi o apeamento da porta da Vila, voltada a sul, e o seu alargamento, obra que foi interrompida e que ainda hoje queda inacabada. Outras intervenções, em 1973-74 e em 1984, disseram respeito à reconstrução de troços de muralha.

Texto: MJB - Fotos: MJB/FP

Plano: GM/MS/NB (sobre DRCN/DM/RO/HP/GAI/LL)

Bibliografia

ABRANCHES, P. *et alii*, 1996; ABRANCHES, P. *et alii*, 1998; ABRANCHES, P. *et alii*, 2006, pp. 229-240; ALARCÃO, J., 1988a, II(1), p. 52; ALMEIDA, J., 1945, I, pp. 364-375; BARROCA, M.J., 1990-91, pp. 94-98; BARROCA, M.J., 2000a, II(1), Insc. n.º 185 (de 1189); BARROCA, M.J., 2004, pp. 190-192; BARROCA, M.J., 2008-09, pp. 203, 208, 210-211 e 217; BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 212 (de 1189); BOISSELLIER, S., 2012, p. 88; COIXÃO, A.N.S., 2017; CORTES PORT., 1383, p. 227; DIAS, L.F.C., 1961-69, II, p. 48; FERREIRA, J.A.P., 1953; FERREIRA, J.A.P., 1954; FERREIRA, J.A.P., 1962; FERREIRA, J.A.P., 1965; FERREIRA, J.A.P., 1966; FERREIRA, J.A.P., 1974; FERREIRA, J.A.P., 1978; FIGUEIREDO, J., 1964, pp. 259-266; GEPB, 1935-60, XIX, pp. 15-18; GIL, J., 1986, pp. 66-67; GOMES, R.C., 1996, p. 135; LOPES, I.J., 2002, I, n.º 126, pp. 131-133 e n.º 127, pp. 133-138; PERES, D., 1969, pp. 77-78; PMH, DC, doc. n.º 81 (de 960) e doc. n.º 420 (de 1059); PMH, LEGES, pp. 368-370 (de 1130); VMH, doc. n.º 11 (de 960) e doc. n.º 45 (de 1059).